



**Melancolia:
Um luto que se não desvanece ...
Maria Otilia Pereira Lage**

Deixou-nos de súbito, com imensa dor, em Setembro de 2006, na sua cidade natal, Braga, Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos, directora do Arquivo Distrital de Braga da Universidade do Minho, onde desempenhava responsabilidades de direcção e que expandiu de modo a torná-lo numa reputada referência nacional e internacional.

No “estado da arte” da história dos arquivos em Portugal, o seu nome é reconhecidamente uma referência de investigadora e autora minuciosa no campo da documentação arquivística para a história da cidade de Braga e de sua universidade, que incansavelmente pesquisou e divulgou, com esmero, rigor e notável qualidade. Muitos são os trabalhos de sua autoria publicados em inúmeras publicações e separatas de revistas, muitas vezes sob a forma despretensiosa de “breves notícias”, mas sempre plenas de interesse histórico e documental.

Sabia bem valorizar o trabalho científico e em equipa, procurando, com exemplar discrição, dar visibilidade a todos quantos com ela trabalhavam, se relacionavam ou junto dela procuravam os seus prudentes conselhos e apoio.

Assunção Vasconcelos era uma arquivista empenhada e produtiva no sentido pleno da palavra, mas era também uma cidadã exemplar, uma amiga e colega solidária, sempre disponível para juntar acção, reflexão, colaboração e incentivo ao trabalho dos outros, nunca se fechando nas paredes do seu arquivo.

Foi participante regular nas edições culturais da Universidade do Minho, com textos onde explorou e analisou criticamente fontes essenciais para a história nobiliárquica, eclesiástica e urbanística da sua cidade.

Braga, de que era uma senhora destacada, a Universidade do Minho, a cujo prestigiado quadro de técnicos superiores pertencia, a comunidade nacional de arquivistas, todos ficaram mais pobres ao perderem precocemente uma das suas melhores.

Fica-nos de Assunção de Vasconcelos o seu incentivo de profissional rigorosa e empenhada, o seu exemplo de mulher culta, distinta, sensível e solidária, e a lembrança sempre viva na saudade da amiga insubstituível.

Inconsoláveis com a sua perda, familiares e amigos refugiam-se nos afectos e lembranças que perduram, vivos, e no diálogo continuado em que se mantém presente.

Invocamos assim a amiga e companheira dilecta.

O "eu" que há em mim, em "ti" se revê
Vivendo impraticável e desamparado
Não te levarei a confiar no que digo nem no que faço
Porque as minhas palavras e os meus gestos não são mais
do que os meus pensamentos, sem ti convertidos em silêncio.
Sons longínquos mas como sempre próximos.
Porque tu podes não ouvir os meus lamentos
nem a voz da minha obscuridade
nem as asas das aves riscando o céu contra o sol ou as estrelas
Mas no fundo do meu coração continuo a falar e a estar contigo.

A dificuldade de ao assinalar um ano da tua imprevista e dolorosa ausência, faz com que esta homenagem embargada de emoção e tristeza seja uma pálida sombra do tributo justo que haverá de te ser feito, especialíssima e saudosa amiga Tatão.

Sempre suaves, tua presença e sentimentos, inundavam de serenidade todo o nervosismo dos exames e o bulício das nossas sabatinas de trabalhadoras-estudantes nessa vetusta universidade coimbrã, onde nos conhecemos.

Companheira de tertúlias sobre ética, literatura e indexação, nos melancólicos entardeceres do Jardim das Sereias dos idos tempos de Coimbra, este singelo símbolo de afecto prende-te, em minhas mãos, à vida das lembranças felizes.

Inventávamos então prazeres simples que faziam alados nossos dias de estudo e obrigações na Arquivística, na Paleografia, na Biblioteconomia.

E lembro como no alvoroço dos regressos a casa, nos entravam pelas janelas abertas do comboio de Coimbra ao Porto, as imagens de azulejos bem portugueses de cores fortes – uma de tuas predilecções! – atraindo a tua refinada curiosidade estética que se desenvolvia em despreziosos e cultos comentários como páginas ilustradas de uma bela história de arte.

Anos mais tarde, foi a notícia feliz de teu esperançoso casamento, a alegria do nascimento da tua primeira e única filha que herdou de ti, a mesma finura de gestos, o mesmo jeito gracioso, idêntica beleza de alma e fragilidade de corpo.

Então, a nossa convivência embora esparsa pela vida fora, nunca deixaria de ser uma presença segura e certa, um feliz e repetido reencontro.

Sempre em contacto, prontamente, retomado se a idêntica profissão ou a vida tão diferente, o requeria, mesmo o impossível se cumpria deixando que os laços de amizade se refizessem, mais sólidos, em cada novo encontro, por mais fugaz ou profissional que fosse.

Dar mais que receber era, em ti, virtude rara como tantas outras de que tão discretamente sabias dar conta sem vaidade ou ostentação.

Com simplicidade requintada, abrigavas, qual planta grácil ou ave planando frágil, esse invulgar sentido de dádiva ao outro, a infinita compreensão das dores do mundo, uma generosidade sem limites... dom inestimável com que nos envolvias em tua calma infinita como as ondas mais pacíficas do mar silente.

Teu nome, tua ausência, tua lembrança, continuará connosco aqui onde estarias se não tivesses partido antes de nós, com música e flores.